.tins Sarmento
Guimarãis

ANO I — N.º 29 GUIMARÃIS, 1 DE AGOSTO DE 1936

O Berço da Raça

Director — HUGO D'ALMEIDA ✠ ✠ SEMANÁRIO NACIONALISTA ✠ ✠ Editor — ANTÓNIO LINO

Redacção e Administração — Rua de Santo António, 119 —— Impressão: Tipografia Minerva — Vila Nova de Famalicão —— Propriedade da Emprêsa

Política de verdade

NA barafunda da hora presente, cheia de interrogações e mal-estar, um país há, contudo, que se impõe aos outros povos e serve de exemplo em todas as manifestações da sua actividade.

Não é pela fôrça das armas nem devido à extensão territorial da sua metrópole que êle criou e aumenta, em toda a parte, um certo respeito e admiração mas sim, e quási simplesmente, por causa daquele exemplo.

E' que a sua resistência perante a crise geral do mundo representa, na verdade, um grande esfôrço de ressurgimento e resgate e mostra a todos a melhor compreensão das realidades do momento e o único meio de satisfazer as necessidades sociais.

O segrêdo dessa vitória está, porém, na política de verdade seguida por Salazar, o Chefe da Revolução Nacional, que, por temperamento e formação ideológica, imprime a todos os actos da vida pública a honestidade e desinterêsse que caracterizam a sua vida particular.

E' o homem predestinado e imposto pelas circunstâncias, que melhor desempenha nesta conjuntura, o cargo difícil da governação de povos e satisfaz as aspirações mais justas de todas as categorias profissionais.

A originalidade da sua orientação política, a obra de ressurgimento, sempre conforme com as realidades nacionais, a sua dedicação e sacrifício por tudo o que represente mais prestígio para a Nação e mais justiça nas relações entre os homens, deram-lhe, há muito a fôrça moral indispensável para, como êle diz, impor Portugal aos portugueses e estes ao mundo inteiro.

Arrumando em primeiro lugar as contas públicas e dando ao orçamento, com os saldos positivos, as possibilidades necessárias à obra de reconstituïção económica já empreendida, êle começou, seguindo sempre a sua política de verdade, a realizar um grandioso plano de reconstrução material e moral de todo o País.

Se a obra de fomento económico é já considerável, e ninguém o pode negar, porque estão bem à vista as estradas, portos, melhoramentos rurais, edifícios públicos, monumentos nacionais, hospitais, casas económicas, hidráulica agrícola, repovoamento florestal, marinha de guerra, etc., e são também conhecidas as reformas do crédito, da Contabilidade Pública e de todos os serviços e instituïções de natureza economica-financeira e social, devemos igualmente considerar o ressurgimento moral que êle procura favorecer com o maior interêsse e orienta e estimula pelo exemplo da sua vida particular e pública.

E' na sua vida, portanto, que nós devemos procurar, de preferência, o segrêdo dessa vitória porque, além das qualidades admiráveis de condutor de povos e de realizador incansável, Salazar é também um grande educador, cheio de boa vontade e desinterêsse, que não esquece nunca o alto sentido moral, que valoriza e recomenda todos os seus actos.

Ao lado da política económica coloca sempre a política do espírito e procura a revisão das ideas e a reforma dos costumes; proclama o Estado uma pessoa de bem, limitado pela moral e pelo direito, e condiciona todo o seu esfôrço a bem do comum a uma política clara, honesta e leal, que se impõe a todos por ser a política de verdade.

A' MARGEM

Lamentam alguns nacionalistas (?) o serem presos todos os comunistas espanhois refugiados em Portugal, não se dando o mesmo com os revolucionários espanhóis que cá se encontram.

E' uma das tantas formas de atacar o govêrno nacional, fazendo insinuações torpes, intrigando, clamando em nome do «direito internacional»... «da neutralidade»... «da hospitalidade»... etc., etc.

Eles bem sabem a razão destas medidas mas fingem desconhecê-las.

Damos hospitalidade aos revolucionários porque em nada prejudicam a integridade da Pátria Portuguesa.

E porque é que prendemos os comunistas? Porque sabemos quem êles são.

Quem êles são.

«Quem forneceu as bombas? Quem agenciou o funcionamento?

— Quem forneceu as bombas foram as instâncias oficiais espanholas superiormente cobertas pelo sr. Az[redacted] março de 1935 na Assembleia Nacional, sessão sôbre a actividade criminosa dos portugueses emigrados em Madrid e do govêrno espanhol do sr. Azaña),

E é a êste sr. Azaña, soba-mor [redacted]

¿Podemos então admitir que andem pelas esquinas e pelas mesas dos cafés pessoas (?) a cantarem hinos ao govêrno (?) de Madrid e indirectamente a atacar o govêrno português?

Podemos admitir que alguns — com responsabilidades perante a Nação de quem recebem o ordenado e a quem a Nação encarregou da formação de alguns jovens — pelos cafés andem a alardear asneiras e insultos?

— Não.

A época dessas liberdades acabou. Hoje exigimos em nome da Nação que se calem.

Senão não.

DA CIDADE

SOCIEDADE

Aniversários:

No dia 29 de Julho fez anos o nosso amigo Mário da Silva Mendes Guimarãis. Parabens.

Durante a próxima semana fazem anos os ex.mas sr.as:

Dia 2 — D. Elvira Costa e Castro e D. Maria do Céu Matos Chaves,

Dia 3 — D. Luiza Cândida de Lemos Almeida e D. Maria José de Moura Machado.

E os ex.mos srs.:

Dia 2 — Dr. Carlos Braga.

Partidas:

Parte hoje para a Póvoa de Varzim, com sua família, o sr. Rodrigo Pimenta.

— Encontra-se na Póvoa de Varzim, o nosso amigo sr. Carlos Teixeira Pinto de Castro.

— Acompanhado de sua ex.ma família, encontra-se na Póvoa de Varzim, o importante industrial sr. Manuel Mendes de Oliveira.

— Também se encontra na mesma praia com sua ex.ma espôsa, o nosso prezado assinante sr. José A. Pereira da Silva.

— Em veraneio, está na Póvoa de Varzim, o conceituado vimaranense sr. António José de Oliveira.

— Para Braga, seguiu o inteligente professor sr. Ovídio Lôbo.

Visitas:

Está entre nós, o distinto estudante da Universidade do Pôrto, sr. Alberto da Silva Guimarãis.

A falta do teatro

O orfeão do Pôrto, grupo coral conceituadíssimo nos meios artísticos portugueses, realizou o seu sarau no salão da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda.

Este facto veio demonstrar mais uma vez a necessidade absoluta que existe na nossa terra de uma casa de espectáculos.

Choca o nosso brio, fere a nossa sensibilidade, esta insuportável lacuna.

Uma casa de espectáculos é um problema vital para a nossa cidade, que á iniciativa particular competia dar solução.

Mas esta, atenta a sua relutância em aplicar dinheiros numa obra que envolva o prestígio e progresso de Guimarãis, apesar da garantia de altos juros, já não suscita a mais fagueira esperança.

Consta-nos que um empresário do Pôrto está na disposição de construir em Guimarãis um teatro.

Se tal rumor se concretizasse...

DESPESAS MUNICIPAIS

Vimos nos dois artigos anteriores em quanto estavam calculadas, para o ano corrente, as receitas da Câmara Municipal de Guimarãis, quais dessas receitas constituíam rendimentos normais do município e quais eram as suas principais proveniências.

Vamos agora mostrar aos munícipes como se tenciona gastar as referidas receitas.

Tratemos em primeiro lugar das despesas ordinárias, isto é, das que se repetem normalmente nas sucessivas gerências e que não estão sujeitas a grandes variações.

A' frente destas está o pagamento ao pessoal permanente que soma 606.554$80.

Vê-se, pois, que a Câmara dispende aproximadamente uma terça parte das suas receitas com o pessoal dos seus quadros e pessoal aposentado e polícia.

O pessoal das obras, incluindo o pessoal técnico e cantoneiros....	124.000$00
O funcionalismo de secretaria....	89.520$00
O pessoal dos impostos	81.320$00
O pessoal dos matadouros....	74.040$00
A polícia custa à Câmara aproximadamente....	60.000$00
O pessoal de limpeza....	52.400$00
Partidos médicos, parteira e enfermeira....	29.400$00
Zeladores municipais....	27.492$00
Pessoal dos jardins	16.200$00
Pessoal aposentado	14.967$40
Tesoureiro, inspector de sanidade pecuária, carcereiro, fiscais de água e luz e aferidor	37.215$40
Soma	606.554$80

Convém frizar que no pessoal permanente aqui referido não está incluído o pessoal jornaleiro que a Câmara ocupa mais ou menos permanentemente nos serviços de reparação e conservação das ruas e largos da cidade, e nas obras de vulto em curso. Havemos de ver adiante quanto dispende a Câmara com estes assalariados, que são pagos pelas verbas inscritas para as obras em que eles trabalham. Agora passemos a outras despesas ordinárias da Câmara, salientando as de maior vulto.

Para encargos de empréstimos inscreveram-se no orçamento ordinário para o ano corrente 93.800$00, verba que teve já de reforçar-se em orçamento suplementar. Os empréstimos que a Câmara tem de amortizar são: um de 600 contos, contraído na Caixa Geral de Depósitos, destinado à construção do mercado municipal e outro de 500 contos destinado à construção do bairro económico de Urgeses.

Fala-se muito na necessidade de iluminar melhor as ruas e largos da cidade e conveniente seria que essa necessidade pudesse remediar-se. O que é certo, porém, é que a iluminação actual custa já perto duma centena de contos à Câmara, e, sem aumentar a despesa, não será fácil melhorar a iluminação pública de Guimarãis, Vizela, Taipas e S. Torcato e das repartições a cargo da Câmara estão calculadas para o ano corrente (excluindo o pessoal) em 126.000$00, sendo 100 contos para energia e 26 para material e reparações. Pelas contas já pagas verifica-se que a verba de 126 contos fica bastante àquem da despesa efectiva.

As despesas ordinárias do capítulo Instrução custava à Câmara 80 contos, incluindo 20 contos de subsídio à Sociedade Martins Sarmento.

Com os serviços de incêndios dispendem-se 62.700$00.

O subsídio anual à Casa dos Pobres é, no orçamento do ano corrente de 40.000$00.

Os seguros, foros e contribuições dos prédios da Câmara e as rendas que paga, somam 25 200$00.

A verba inscrita para tratamento de doentes nos hospitais foi de 21 000$00, mas que já se verificou que é insuficiente.

Os subsídios de lactação, os de banhos de mar, de crianças desvalidas e os de invalidez, somam 22.500$00.

Apesar disso, são muitos os requerimentos que não podem ser deferidos, porque se o fôssem, não chegaria o dôbro da verba referida. E' notável a soma que a Câmara de Guimarãis dispende com a beneficência, como se pode ver pelos números acima; não obstante, há ainda muito que fazer neste capítulo e o problema não pode ser resolvido pelo simples aumento das verbas destinadas à beneficência. Actualmente está a Câmara a pagar o internamento de nove alienados em diversas casas de saúde. Pois, infelizmente, muitos mais há que se não internam porque o município não pode assumir mais encargos dessa ordem. — J. S.

O Orfeão do Pôrto

Os orfeãos, côros de vozes que se entrelaçam e cruzam, são não só poderosos elementos de solidariedade, como factores de inter-câmbio entre povoações.

A visita do orfeão do Pôrto teve a assinalá-la o ambiente de estreita amizade, entre Guimarãis e Pôrto.

A' sua chegada, pelas 16 horas, domingo passado, foi-lhe preparada uma simpática recepção na estação do caminho de ferro, pelo Orfeão de Guimarãis, Sindicatos, outras colectividades, muito povo e uma música.

Organizado o cortejo dirigiu-se para a Câmara Municipal, onde o sr. A. L. de Carvalho, em nome do Município apresentou as boas-vindas ao orfeão do Pôrto.

Agradeceu, num expressivo discurso, o presidente da direcção dêste organismo coral.

Em seguida, os orfeonistas dirigiram-se para a sede do Orfeão de Guimarãis, onde foram inaugurados, os retratos dos srs. Filinto Nina, ilustre regente do Orfeão e António Guise.

Homenagem simpática, foi sublinhada por calorosas salvas de palmas.

Em virtude de mau tempo, o festival orfeónico marcado para os Claustros de Santa Clara, realizou-se no salão da Escola Industrial, pelas 22 horas.

O sr. Alfredo Guimarãis, presidente da assemblea geral do orfeão de Guimarãis, abriu o sarau com um lindo discurso, primoroso na forma e elevada na idea.

Recebeu quentes aplausos.

Agradeceu o sr. presidente da direcção do Orfeão do Pôrto.

Em seguida realizou-se o sarau, com a colaboração do Orfeão de Guimarãis e do Pôrto.

O programa, executado com aprimorado gôsto artístico, proporcionou a todos que tiveram o prazer de assistir a êste sarau, uma memorável e inesquecível noite de arte.

PELO MUNICÍPIO

A Câmara resolveu municipalizar os serviços da luz eléctrica.

Em sessão de 23, foi concedido um subsídio de 1.250$00 à Junta da freguesia de Donim, para obras na Ponte da Bouça, da Igreja e na Fonte do Cachão, do lugar de Freixeiro e autorizado o pagamento de 3.000$00 à Casa dos Pobres.

As duas frentes

A luta que se trava na nação vizinha está para além de uma contenda de partidos.

E' a Espanha histórica, Pátria de santos, heróis, marinheiros e descobridores que reage, galharda e energicamente, contra a influência de Moscovo na gerência dos seus destinos.

E' a civilização ocidental, latina e cristã, contra a civilização oriental e moscovita.

De um lado, bandos desordenados de marxistas, odientos e facinorosos; do outro o Exército Nacional, disciplinado, agindo em nome dos direitos de cidadania, conspurcados por actos de banditismo.

E' a ordem contra a desordem, a consciência contra a inconsciência, a moralidade contra a imoralidade, a Justiça contra a injustiça.

Por esta razão não deve haver nenhum português, de espírito recto, que não anseie o triunfo do exército espanhol.

A luta titânica em que a Espanha se debate está para além da política, porque entra nos domínios da moral.

Desta fogueira há-de sair a Espanha purificada dos seus inimigos, e a civilização ocidental triunfante do embate soviético, que em catadupas de ferocidade asiática pretende o aniquilamento da personalidade humana, em nome do endeusamento do Estado.

Sarau literário-musical

Promovido pelas madrinhas do Orfeão de Guimarãis, ex.mas sr.as D. Teresa Maria Mota Prego de Faria, D. Maria Rita Moura Machado e D. Maria Adelaide Meira Vieira Ramos, realizou-se quarta-feira passada, no salão de festas da Assemblea Vimaranense um sarau literário-musical, seguindo-se um chá-dançante, que decorreu num ambiente de viva alegria.

Colaboraram no sarau os tenores Araújo, Miguel Rodrigues e Lucínio Barbosa de Oliveira, que cantaram com emoção e ternura; Aurélio Ferra que recitou diversas poesias, sendo uma da sua autoria em homenagem aos Mortos da Grande Guerra, dedicada ao sr. capitão Manuel da Silva Guimarãis; colaborou também o menino Capela, o estudante Rodrigo de Sousa Feliz e a ex.ma sr.a professora D. Maria Rosa Nobre, que com artística sensibilidade recitou *Passeio de Santo António*.

Em seguida dançou-se animadamente, com a colaboração da Orquestra Vimaranense, sob a direcção do professor António Guise.

Durante o sarau, o sr. professor Filinto Nina tocou ao piano.

O FUTURO

Cava-se um abismo entre os homens de hoje e os homens de ontem.

Estes, como levaram uma mocidade ociosa, não produzindo nada, vivendo um *presente* vazio, sem passado e futuro, hoje — ao sentirem a mística revolucionária da mocidade combatem-na de todas as maneiras.

E' a luta surda que começa no «parece mal»... «provoca os outros»... etc., etc., até ao campo das «neutralidades»!

Como êles são farsantes! A mocidade de hoje já não vive só no *presente* — ela pensa no futuro.

Ela sabe que na Pátria existe um passado, um presente e um futuro.

Ela sabe que o passado está ligado ao presente, uma cadeia de elos que se continuarão no futuro.

E êsse futuro é a mocidade.

Trabalharam nossos avós na construção do lar pátrio e com o seu sangue o defenderam dos inimigos de fora e de dentro.

Trabalharam nossos pais na ligação dos elos partidos do passado e trabalham por um Portugal maior.

E nós ao vermos um passado e um presente pensamos num futuro — e êsse futuro somos nós, rapazes de hoje, homens de amanhã — futuro que será o que nós formos.

A mocidade de hoje tem o caminho traçado e há-de chegar ao fim.

Ela trabalha, estuda, canta e ri.

E' a hora das juventudes! E na Itália e na Alemanha, irmanados no mesmo ideal, no amor à Pátria, reünidos sob a mesma bandeira, lá marcham os jóvens italianos e alemãis, garbosos, cantando alegremente hinos patrióticos e cantos regionais.

E' a hora das juventudes!

*

Em Portugal depois de «posta a casa em ordem» pensa-se no futuro.

E' que, como muito bem disse Salazar, não basta pôr a casa em ordem; é preciso que a casa continue sempre em ordem; e para isso é preciso olhar para o futuro.

E o futuro das pátrias são as juventudes.

E a falange lusitana apareceu na hora própria. Em Outubro já deve contar para cima de 200.000 jóvens, desde a instrução primária à superior.

Terão uma educação mental e física. *Mens sana*, amor à família, à Pátria e sua história, a Deus; *in corpore sano* para agir e lutar, formando uma raça forte.

Com uma mocidade física e mentalmente sã tenhamos fé no futuro que de novo será como foi outrora.

De ponta a ponta de Portugal se ouvirá a voz da Falange Lusitana da Mocidade Portuguesa, cantando:

«A nossa voz que seja audaz clarim vibrante,
Tocando a reünir a mocidade forte!»

António-Lino.

A' MARGEM

Qual é o *govêrno* espanhol?

Govêrno implica casa arrumada, chefia, ordem e disciplina, autoridade e acção.

Será o de Madrid? Vejamos.

Nas cidades onde impera o govêrno (?) de Madrid:

— em vez de casa arrumada, casa em ruínas; em vez de chefia, hordas sem chefe; em vez da ordem e disciplina, a desordem e a indisciplina; em vez da autoridade e acção, a anarquia, a morte...

— os seus navios são considerados piratas...

— os súbditos estrangeiros pedem socorro; não há autoridade que os defendam...

— as fronteiras são fechadas...

— as obras de arte são queimadas...

— os ministros espanhóis credenciados no estrangeiro demitem-se, envergonhados do govêrno (?) que representam...

— só se cumprem ordens de Moscovo...

Conclusão: não existe o govêrno (?) de Madrid.

O **verdadeiro govêrno** espanhol é o govêrno nacional revolucionário.

Nas cidades onde chegam os revoltosos, chega a ordem, a disciplina, a paz.

As fronteiras são abertas; regressa o trabalho à normalidade; os súbditos estrangeiros acham-se em segurança; não se vêm assassinatos, incêndios nas obras de arte, nem anarquia—aí impera a ordem.

E a **Espanha** lá continua a guerra para expulsar do seu solo o govêrno sucursal de Moscovo. Estão lá todos os nacionalistas de verdade. E os gil robles, os culpados da derrocada de Espanha, fogem criminosamente para longe daquela de quem foram os maiores traidores.

O comunismo é a instintiva explosão da animalidade, que como resíduo ancestral se aloja em cada ser, encoberto pelo verniz da civilização.

O comunismo é uma aberração, uma heresia, uma demência que apaixona os ingénuos e os perversos, lançando-os, às ordens dos *meneurs*, no mais feroz banditismo.

Os marxistas espanhóis, através dos saques, pilhagens, destruições, incêndios, e toda a casta de violências, as mais hediondas, traduzem bem o fundo animal e canibalesco que a ideologia comunista encerra.

Ler e propagar

O BERÇO DA GREI

é contribuir para a divulgação das doutrinas do Estado Novo.

Assuntos Escolares

Caixas Escolares — suas vantagens, e utilidades — Errada interpretação que alguns pais dos alunos dão ao emprego das quotas pagas.

De todas as manifestações da solidariedade humana, é sem dúvida a assistência escolar a mais simpática, a mais útil e a mais produtiva, pelos inúmeros benefícios que presta aos desprotegidos da sorte, que sendo filhos de pais pobres, sofrem nas escolas os horrores da miséria mais torturante que se pode imaginar.

Pensando nos seus maléficos efeitos, tem-se procurado atenuar êste grande mal por meio da protecção do Estado, fundando Cantinas Escolares nos centros mais populosos, e promovendo entre a iniciativa particular a fundação das Comissões de Beneficência, que em boa verdade, bem pouco resultado têm dado, por,... regra geral, figurarem apenas ficticiamente, ou nominalmente, como queiram dizer.

Vieram depois as Caixas Escolares, obra modelar, de fins altruistas e nobres, fundadas dentro das próprias escolas, onde os mesmos alunos exercem a caridade insensìvelmente, quási sem custo, e que também quási imperceptìvelmente vão levar o auxílio aos seus camaradas mais pobres do que êles, socôrro êste, sem o qual a freqüência escolar de muitos infelizes seria completamente impossível.

Não podendo dar a êste assunto um desenvolvimento demorado, atenta a pequenês dêste jornal, vou apenas expor aqui o que a prática do ensino me tem demonstrado sôbre o valimento das Caixas Escolares. Em primeiro lugar, convém explicar o que é uma Caixa Escolar: Consiste numa associação, formada pelos alunos das escolas, ricos ou remediados, (as famílias), que, pagando uma determinada cota semanal, têm direito a receberem, e de facto recebem, na escola tudo quanto precisam para aprenderem, desde que entram nela até que saem, com, ou sem o exame final. A todos é fornecido o necessário. O supérfluo a ninguém. A primeira vantagem que se encontra nesta instituïção, é, considerando os alunos ricos, ou remediados, evitar que estes enganem as famílias, como muitos faziam, pedindo aos pais dinheiro para livros e objectos escolares, que diziam precisar, mas que não compravam, apesar de receberem dos pais o dinheiro para isso.

Sendo as Caixas dirigidas, indirectamente pelos professores, estes sabem muito bem o que os alunos precisam, e providenciam a tempo, sem prejuízo do ensino. A segunda vantagem, reside, em todos os alunos terem a tempo conveniente o que precisam e, sem prejuízo do ensino, o que não sucedia sem a Caixa Escolar, porque debalde o professor mandava comprar as cousas aos alunos repetidas vezes, mas estas não apareciam, ou se vinham era tarde de mais, quando já quási não eram precisas. Emfim, só quem como nós, lida com estes serviços, pode avaliar a vantagem e benefício que as C. Escolares prestam às escolas, neste ponto.

Finalmente, a terceira vantagem, a maior, é concorrerem todos os alunos para o auxílio dos seus companheiros mais pobres, e para o auxílio recíproco, porque de facto, mas sobretudo da 4.ª classe, que fazem o exame final do 2.º grau, beneficiam da C. Escolar, nos livros que recebem, como no resto; porque ainda que paguem $50 semanais, isto não chegaria nem para comprar só os livros todos, que custam cêrca de 30$00. São, pois, as cotas das outras classes reünidas que cobrem o *déficit*. Só por aqui se pode avaliar a importância do mutualismo escolar!

Infelizmente, por mais que tudo isto seja explicado aos pais, alguns, embora paguem, ainda não compreenderam para onde vai êsse dinheiro, porquanto, parece que se persuadem, que todo o dinheiro que seus filhos dão para a C. Escolar é para os professores! Como se os livros, papel, canetas, etc., etc., viesse ter às escolas *por um canudo*, lá dos céus! Santa gentinha! O que vale, é que estes, apesar da sua rude visão não deixam de concordar, que pagando as cotas semanais, para a Caixa Escolar pagam afinal muito menos do que dispendiam quando davam o dinheiro aos filhos, e estes o gastavam em goluseimas e estroinices, em vez de com êle comprarem o que era preciso para a escola; porque emfim, depois, ou com vontade ou sem ela, o remédio era dar outro, ou privarem-se os filhos do ensino escolar correspondente.

Joaquim da Silva Godinho.

«Arriba España!»

Do *Correio do Minho*, orgão da U. N. do distrito de Braga, transcrevemos êste artigo de autoria de Augusto da Costa.

O edifício escolar de S. Torcato tem duas salas absolutamente condenadas — Como remediar o mal

Provado como está que a experiência, inter-acção de dois elementos do cosmos, é o processo de aprendizagem natural da criança, o máximo problema da escola consiste em dotar o ambiente escolar de todas as condições necessárias para que as crianças vivam à própria vida processando por si próprias a experimentação como membros duma sociedade embrionária que constituem. Mas como não pode existir vida sem luz e sem ar, porque sem estes elementos nenhum embrião, seja de que espécie fôr, se desenvolve naturalmente, a escola necessita de ser construída em certas condições higiénicas e não é arbitrária a escolha do lado para onde há-de ficar voltada a fachada iluminante do edifício escolar. Está mesmo cientìficamente demonstrado que nenhuma sala de aulas deve receber a luz do Poente ou Norte por deficiência iluminante e de aquecimento.

Ora o edifício escolar de S. Torcato ainda há pouco concluído tem, com a fachada iluminante voltada para o Poente, duas salas que vão principiar a funcionar porque os lugares respectivos já foram criados. Mas como se o estarem voltadas a Poente ainda fôsse pouco, construíram em frente da fachada iluminante destas salas, um pátio de jogos coberto opacamente por prolongamento do telhado do edifício. Este coberto vem diminuir ainda, consideràvelmente, por ser grande e desmedidamente baixo, a já de si escaça luz de que as referidas salas dispunham por estarem com as costas voltadas ao Nascente.

Logo, as referidas salas não dispõem de condições necessárias para funcionar, estão radicalmente condenadas como o reconheceu o sr. Director do Distrito Escolar, em visita pessoal que fez ao edifício, em companhia do sr. Vereador do Pelouro Municipal da Instrução e outras individualidades.

A substituïção do coberto opaco por um transparente ou a abertura duma ou mais clara-bóias, não são suficientes:

1.º — A substituïção ou inutilização do coberto, se bem que deixe a fachada iluminante livre, não a priva de estar condenadamente voltada a poente;

2.º — A abertura duma ou mais clara-bóias é condenável, pois as crianças de modo algum podem receber a luz de cima porque esta, dando no seu busto levemente inclinado sôbre o livro ou papel, faz sombra sôbre a carteira, impossibilitava-as de trabalhar ou estragando-lhes a vista de que a escola deve e tem de cuidar e não pode de modo algum menosprezar sem cometer um crime gravíssimo. A iluminação escolar deve ser sempre, na prática, unilateral esquerda como é fácil de demonstrar, embora teòricamente devesse ser bilateral esquerda-direita.

Resta, portanto, a inutilização das salas em questão, que podem e devem ser aproveitadas para vestiário, lavatórios, arrecadação de material didáctico e gabinetes dos professores ou dos Directores das escolas.

Mas em S. Torcato há quatro lugares criados de professores e, ficando estas duas salas inutilizadas, apenas restam as outras duas actualmente a funcionar.

O edifício escolar, pròpriamente dito, tem só um andar — o rés-do-chão — mas lateralmente tem, com dois andares, as casas de habitação de professores. Pois, quanto a nós, a adaptação do edifício mais conveniente e mais barata para instalar as outras duas salas, seria a igualação do edifício aos dois andares. Desta maneira construir-se-iam, com pequena despesa, as duas salas carecentes sôbre as que actualmente funcionam e, para mais economia e aplicação, o tecto poderia ser construído em cimento-armado, podendo, desta maneira, ser adaptado a terraço, destinado a aulas ao ar livre, no tempo bom, trabalhos manuais, exercícios de educação física, etc.

A quem de direito, e aos espíritos esclarecidos, recomendamos o assunto já por nós atentamente estudado, podendo, por isso mesmo, se necessário fôr, apresentar esquemas de plantas e alçados.

C. DE BIDASSOÁ.

Liceu de Martins Sarmento

Em conformidade com a nova reforma do ensino secundário, foi superiormente autorizada a matrícula na 6.ª clásse do Liceu Martins Sarmento.

No país, apenas os liceus de Lisboa, Porto e Coimbra, ficarão com o 7.º ano, considerado classe pre-universitária.

E assim, em conseqüência de uma medida em Nome da Nação, o Estado Novo realiza segundo um plano de conjunto, satisfazendo uma das aspirações de Guimarãis.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CORPORATIVISMO

Sessão de propaganda corporativa

Hoje, a difusão e propaganda das doutrinas corporativas pertence aos próprios trabalhadores.

Em pequenas palestras, de camarada para camaradas, advoga-se e luta-se pela difusão da doutrina corporativa, cujos resultados, bem visiveis e bem *palpáveis*, demonstram claramente que é na Nova Organização que está a verdadeira emancipação das classes operárias.

E' esta a razão porque na nossa terra semanalmente se vem realizando sessões de propaganda corporativa, em que os oradores são operários.

Domingo passado, dia 26, pelas 10 horas, na sede do Sindicato Nacional dos operários da indústria de cortumes, realizou uma palestra sôbre as vantagens da sindicalização e benefícios do corporativismo, o operário da rua de Couros, sr. Manuel Cardoso.

Naquela linguagem franca, clara, sincera e rude, própria dos que trabalham e ganham o pão de cada dia com o suor do seu rosto, o sr. Manuel Cardoso falou largamente sôbre caixas de previdência, horários de trabalho, agências de colocação, contratos colectivos, sindicalização, etc.

O auditório, formado exclusivamente por curtidores, surradores e ajudantes, enchia completamente a sala.

O sr. Manuel Cardoso concluiu a sua interessante palestra por afirmar que se há operários que não gozam das regalias sindicais, a culpa é exclusívamente dêles, porque vivem à margem do seu Sindicato, alheados da sua vida e funcionamento.

Na sindicalização está a reivindicação das concessões que a doutrina corporativa, justa e elevada, oferece aos trabalhadores.

O orador, convidou também qualquer dos seus camaradas a refutar todas ou algumas das suas afirmações.

As verdades expostas pelo sr. Manuel Cardoso, eram, porém, irrefutáveis, pelo que ninguém usou da palavra.

Esta sessão decorreu num ambiente de franca camaradagem e de elevação corporativa.

A lição do contraste

Os trabalhadores portugueses têm tido nos acontecimento grevistas de Espanha e França uma lição em que vale a pena meditar. Tal e qual como aconteceu em Portugal nos tempos, felizmente, já recuados, em que entre nós imperou a mentira democrática, as massas operárias daqueles países foram iludidas por meneures políticos que as arrastaram primeiro para a hipocrisia eleitoral que em ambos os países deu a vitória às esquerdas, recebendo em paga do serviço prestado aos grupos e grupinhos políticos a promessa de que seriam atendidas todas as suas reivindicações. Uma vez no poder os políticos, mais uma vez abandonaram o operariado, à sua sorte, e deram-lhe como único caminho de triunfo a liberdade prejudicial da greve. As massas trabalhadoras, às quais não vale assacar culpas, aceitaram o caminho que lhes era dado, e em grande parte sem perceberem que estavam a ser joguete de interêsse e conveniência que não eram as suas, lançaram-se nas greves que os agitadores profissionais não tardaram em transformar em tumultos sanguinolentos.

Vão passadas já muitas semanas sôbre o início dos movimentos grevistas francês e espanhol. Olha-se o caminho de desordem percorrido de então para cá e que se verifica: os operários nada conseguiram daquilo que pretendiam, as suas reivindicações estão por atender agora tal qual como na primeira hora, tal qual como quando com os seus votos ajudaram a pôr no poder os esquerdistas que presentemente o têm. No entanto, algumas dezenas de trabalhadores têm sido metralhadas nos tumultos em vários pontos desencadeados. E pode já considerar-se trágico, quanto aos operários, o balanço de mais êste movimento. E os homens do govêrno, precisamente aqueles que os arrastaram ao gachis desastroso em que se encontram, perante os clamores enervados da opinião pública, anunciam pôr têrmo aos actuais conflitos, seja como fôr, de qualquer maneira, ainda que usando de medidas as mais repressivas e violentas contra aqueles que êles iludiram e arrastaram à desordem presente.

Mais uma vez se verifica um vélho fenómeno, banal aliás, nos sistemas democráticos — o proletariado ser explorado, os politicantes senhores do mando e acabar por ser a vítima imulada aos seus interêsses solapados.

Analise-se, pois, êste quadro de desgraça e faça-se a comparação com o que se passa em Portugal. Também até 28 de Maio nós tivemos êste fenómeno, as greves urdidas por políticos trazendo em constante desordem as classes trabalhadoras.

O Estado Novo, porém, pôs têrmo a esta situação a todos os títulos deplorável.

A's associações de classe, focos de anarquia onde de tudo se cuidava menos dos interêsses dos que trabalham, sucederam os sindicatos nacionais, organizações onde o operariado tem encontrado a mais completa e ajustada defesa dos seus direitos. E, sem greves, sem tumultos, sem desordens sangrentas, o operariado português sem clamar basofientamente os seus falsos direitos de povo soberano, tem tido do govêrno do Estado Novo a maior atenção pelas suas reivindicações. E' assim que hoje os bairros económicos, regalia de há tanto reclamada é um facto que constitue eloqüente prova do quanto o Estado cuida dos que trabalham. Os contratos colectivos, outra reivindicação que vinha sendo posta desde tempos imemoriais, são hoje também uma realidade insofismal. O cumprimento do horário de trabalho, as organizações de previdência, as casas do povo, tudo problemas postos em equação desde há muitos anos, só o Estado Novo os resolveu a contento do operariado português. E tudo isto, repetimos, se conseguiu na melhor ordem, sem greves, sem tumultos sangrentos, comquanto que o operariado francês e espanhol, tal qual como o nosso até 1926, está vivendo horas da luta mais inglória, sendo vítima das explorações mais miseráveis que é possível supor-se, sem que no entanto veja atendida a melhor das suas reivindicações.

Que atentem nisto os operários portugueses, e que do contraste que o facto oferece, tirem a lição que dêle é justo tirar.

Lêde e propagai «O Berço da Grei»

A Casa dos Pobres e os Sindicatos

A convite da direcção desta benemérita instituïção reüniram-se, domingo passado, na Casa dos Pobres as direcções dos Sindicatos Nacionais.

Pelo Presidente da Casa dos Pobres, sr. João Teixeira de Aguiar, foi exposta a acção desta «Casa» em benefício das classes operárias, largamente traduzida na distribuïção de refeições, higiénicas e nutritivas, por preços módicos, aos trabalhadores.

As direcções dos Sindicatos resolveram fazer, junto das classes operárias que representam, a propaganda da acção social da «Casa dos Pobres».

Pelos informes...

Causou geral estranheza a forma como alguns jornais do país se têm portado com a Revolução Nacional em Espanha.

E o espanto cresceu quando apareceram os jornais do Porto!

Como nos aparece o *Comercio!* Como nos aparece o *Notícias?*

Incensando a anarquia comunista, publicando os seus telegramas em letra de fôrma, e... das notícias que muitos outros jornais publicaram sôbre o exército espanhol nem vê-las ou desaparecendo mesquinhas, entre as letras de palmo das notícias de Madrid!

...a ordem foi bem cumprida! E' pena que jornais com responsabilidades andem expostos a sabotages como muito bem frisou o nosso colega lisboeta *Acção*.

E o resultado sentiu-o bem a administração do jornal.

Porquê? E' que as centenas de devoluções que receberam fizeram-lhes dor no seu estômago burguês.

Sempre a barriga!

Como conseqüência, aparecem os elogios ao Exército Nacional revolucionário.

Mais alto, senhores! Carácter

Parabens ao *Primeiro de Janeiro* que soube ser lógico e de carácter; mostrou-se tal qual toda a gente sabe.

Mas o *Comércio*... mas o *Notícias*...

Não sabemos quem são ou o que querem, mas parece-nos que no meio anda o número «33»...

ARQUIVO...

... dos jornais

— A Espanha assiste, sem dúvida alguma, ao desenrolar da Revolução Nacional. Dum lado a Espanha: do outro a III internacional.

— Provado que tudo quanto em Espanha representa a ordem, a disciplina e a própria pátria, se encontrava em plena rebelião contra o govêrno de Madrid; visto que não restava ao govêrno de Azaña mais do que uma escassa guarda de assalto e alguns, poucos, aviadores, com outros tantos marinheiros, só restava lògicamente, a capitulação.

Azaña, porém, não capitula. Conciliabula com Giral, chama a gente arregimentada por Moscovo — e resolve armar, em toda a Espanha, os civis!

— A partir dêste instante, já não há mais Govêrno em Madrid.

De *A Verdade.*

*

«O exército espanhol pegou em armas para restaurar a autoridade, para arrancar o Poder das mãos dos que o deixaram ensanguentar, para reduzir à obediência e à impotência as hordas sem coração e sem sensibilidade que Moscovo manejava para instaurar na Península uma sucursal do seu paraízo, onde o homem não passa dum escravo e se elevaram à categoria de princípios duma nova moral a abjecção e a lama de que são feitos os espíritos que vivem na depravação e na indisciplina».

De *O Século.*

*

«Fieis à autoridade, à civilização cristã, da qual faz parte integrante o respeito pela dignidade humana, são as fôrças do cavalheiresco exército espanhol que se alçaram a defender todos êsses conceitos fundamentais da ordem social e da convivência humana; e revoltosos ou insurrectos, são os outros, os que se serviram e servem ainda, nesta hora, do título de governadores e autoridades públicas para atacarem e envilecerem todos êsses conceitos, que fazem parte da «jus gentium» e são, portanto, património não apenas de Espanha mas de todos os povos civilizados».

Das *Novidades*, de 27 de Julho.

*

«Em Espanha o que havia de mentalidade liberal não podia contar para a acção na altura do choque. Liberal da esquerda, o sr. Lerroux veio procurar entre nós saúde e paz.

Liberal da direita, o sr. Gil Robles acolheu-se a Biarritz, em busca também, provàvelmente, de paz e saúde».

A lição de Aljubarrota

Este ano, por determinação do sr. Presidente do Conselho, vai ser comemorado, de modo especial, em todo o país, o aniversário da batalha de Aljubarrota, página das mais belas da história-pátria, cujo sentido altíssimo cumpre cada vez mais afervorar, de maneira a lembrar a todos os portugueses que o espírito heróico que venceu em 14 de Agosto permanece intacto.

Aljubarrota é para nós, não apenas uma afirmação magnífica do nosso génio guerreiro, prova eloqüente do quanto soubemos garantir o nosso valor militar. Em Aljubarrota não provamos apenas o quanto pode o valor contra a fôrça do número desordenada e caótica. Mais do que isso soubemos acentuar o espírito heróico e altaneiro que desde os mais remotos tempos da nacionalidade nos vem acompanhando. Nuno Alvares não foi sòmente o general heróico e competente que soube dispor as nossas hostes diminutas e desfalcadas contra o exército aguerrido e numeroso do rei castelhano. Mais do que isso soube alevantar o ânimo por vezes acabrunhado da nossa gente, e pô-la em transe de vitória.

Hoje, os dias não são os mesmos de 1385. Mas, como então, também hoje é preciso ter sempre presente o amor exaltado da Pátria.

Não corremos hoje, como então, perigos de perda da independência, não nos deve causar temores de maior a vizinhança de Castela, por mais incómoda que por vezes tenha sido. No entanto devemos ter sempre presente e de forma a que os outros também a não esqueçam a lição de Aljubarrota. Hoje, como então, não nos animam pensamentos de conquista, mas hoje, como então, também, temos o mesmo espírito decidido de defesa, que nos levará a repetir Aljubarrota, não da forma, evidentemente em que foi possível a batalha de 1385, mas com o mesmo espírito de reacção de então contra todos os que pretenderem tocar na mais leve parcela de território do império português.

Aljubarrota é uma lição que não devemos nós os portugueses nunca esquecer, para nela afervorarmos aquele espírito heróico que nos tornou sempre um grande povo através dos séculos e, também para que os alheios que possìvelmente alimentem cubiças sôbre o que só a nós pertence tenham sempre em conta a grande lição de Aljubarrota e saibam que o espírito de vitória que então nos animou vive hoje ainda como autêntico património da raça.

A.

O liberalismo e os liberais—lixo para varrer...

De *Acção.*

*

«Existe um incêndio em Espanha?

A nossa obrigação é impedir que êle se estenda até nós.

. . . . . .

Quando pensamos nos horrores que, neste momento, enchem de luto e de gritos de angústia a alma da nação vizinha, não podemos deixar de dizer: Meu querido Portugal vela pela paz e amor do teu lar!»

Do *Diário de Lisboa.*

A' SOMBRA DA CRUZ

Faleceu no dia 26, a sr.ª D. Raquel Ricardina Vaz Vieira, mãi virtuosa dos nossos amigos srs. José e Eugénio Vaz Vieira.

A sua morte foi muito pranteada.

O funeral saiu da igreja da Misericórdia, com o acompanhamento de numerosas pessoas.

A' família enlutada as nossas condolências.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarãis:

Faz saber que no dia 13 do próximo mês de Agosto, pelas 15 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta publica 258 metros quadrados de terreno, desnecessário aos usos do Município, situado à entrada da Avenida Cândido dos Reis e da rua Trindade Coelho, desta cidade, sendo o arrematante obrigado à construção de um prédio no referido terreno, cuja planta será apresentada à aprovação da Câmara até 30 dias depois da aquisição do mesmo.

Base de licitação, 5.160$00.

As condições acham-se patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passaram o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Guimarãis, aos vinte e cinco de Julho de 1936. E eu, *Américo de Oliveira Durão*, chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevi.

O Presidente da Com. Administrativa,

José Francisco dos Santos.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

Cadela coelheira

Perdeu-se, amarela, com patas brancas e orelhas «guixes», que dá pelo nome de Viana. Gratifica-se a quem a entregar na fábrica do Arquinho, e procede-se, a todo o tempo contra quem a retiver.

DO CONCELHO

S. Torcato, 27.

Festividade — Realizou-se ontem na vizinha freguesia de Gondomar uma festa em honra do Santíssimo Sacramento e de propaganda da Acção Católica.

Além das várias cerimónias religiosas houve uma sessão solene de propaganda da Acção Católica e uma récita no Salão Paroquial pelos jocistas daquela freguesia.

E' digno dos maiores louvores o zeloso pároco da freguesia sr. Padre José António Ribeiro pela maneira como sabe interpretar o significado da Acção Católica de que é um grande obreiro.

Desastre — Quando chamava os bois que tiravam um carro de toros de pinheiros foi colhida por um que do carro se precipitou a menor Rosa da Silva, filha de Domingos da Silva, da quinta da Formiga, ficando bastante maltratada com ferimentos no crâneo. Foi-lhe prestado socorro pelo sr. dr. Francisco Fernandes, médico local.

Nascimento — Foi bem sucedida dando à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.ª D. Elisa Ribeiro Marques, professora oficial nesta localidade e espôsa dedicada do nosso amigo sr. Adelino Mendes Ribeiro.

Os nossos parabens.

Novo sacerdote — Terminou o curso sacerdotal o nosso estimado conterraneo e amigo sr. Padre Manuel de Matos.

As nossas felicitações.

Várias notícias — Na sua casa paterna, na vizinha freguesia de Gonça, tem estado o sr. Arnaldo Mascarenhas.

— Consta-nos que vão recomeçar as obras do Parque.

— Este centro tem sido muito visitado por excursões vindas de todos os pontos do país.

C. de B.

■

Caldas das Taipas.

Esta formosa estância termal, que é magnífica estância de repouso também, tem sido muito freqüentada, desde há mês e pouco.

Dizem que mais freqüentada que o ano transacto.

No Hotel das Termas, entre muitos outros, encontram-se o Desembargador da Relação do Pôrto sr. Dr. José Silvestre Cardoso, com várias pessoas de família; e os srs. Padre Manuel de Sousa Guimarãis, antigo Reitor do Colégio dos Orfãos, do Pôrto; Padre António Teixeira, Capelão da Aparecida; D. Graciosa Dias de Castro, D. Amélia Ramos Oliveira, D. Zulmira Roma Tôrres, César Araújo Castro, Alípio Bastos, D. Felismina Monteiro Espiga, Anibal Correia Pinto, João Roque Chaves, Alvaro Hercuiano Carvalho, D. Camila Correia, D. Cristina de Jesus Pereira, etc.

A' Pensão Vilas, antigo Hotel Vilas, chegaram nos últimos dias, os srs. Abílio António de Campos, Júlio de Campos Macedo, D. Maria do Carmo Campos, Mauuel Francisco Canastra e espôsa, D. Maria do Carmo Macedo, Afonso Mendes Ribelro, Joaquim Mendes e espôsa, José de Assis Carneiro, José Peixoto de Almeida e família, etc.

Nas casas particulares, que rerecebem hóspedes, na época balnear, encontram-se muitos banhistas.

Reitor Antunes Machado — O grupo de Sacerdotes da Palestra Eclesiástica, dêste Centro das Taipas, resolveu ir apresentar cumprimentos de muita simpatia e saüdade ao antigo Reitor desta freguesia, hoje digno Abade de Pencêlo, sr. F. Domingos Antuns Machado, o que fez, há dias.

Louvando êste lindo gesto de exemplar e honrosa camaradagem entre o clero da nossa terra, associamo-nos cordealmente, apresentando respeitosas saüdações ao nosso antigo pároco e bom amigo.

Padre Freitas Leite — Consta-nos ter chegado a Briteiros, a passar as férias grandes em sua casa, o sr. Padre Manuel de Freitas Leite, digno e distinto pároco na vila de Serpa e professor do Seminário.

— Estiveram nesta povoação, dando-nos o prazer inolvidável da sua visita, os nossos amigos da Póvoa de Varzim, os srs. Manuel Alves da Costa e espôsa, Custódio de Lima e filho, Elídio Gomes, professor; Leopoldino Loureiro, Abade Pombal Amorim e Abade Gonçalves Dias.

Também se dignou vir abraçar-nos o sr. Padre Moreira das Neves, ilustre redactor das *Novidades*.

A todos a nossa gratidão. — *C.*

■

Creixomil, 26.

E' intenso o barulho que se nota na Estrada Nacional que atravessa entre os lugares do Espantadiço ao da Arrifana, provocado pelo rapazio, que faz dêstes lugares uma praça de touros.

A quem de direito pedimos providências.

Passeios recreativos — E' no próximo mês de Agosto, que os dois grupos recreativos desta freguesia, realizam os seus passeios anuais, havendo grande animação entre os seus componentes.

Doentes — Encontra-se algo incomodado, o nosso amigo sr. José Ribeiro Moura.

Pronto restabelecimento é o que lhe desejamos.

— Também se encontra doente, inspirando sérios cuidados o seu estado de saúde, o industrial sr. Manuel Pereira Bastos.

Que as suas melhoras não tardem, são os nossos votos.

■

Vizela, 27 de Julho.

Banda de Vizela — Tem continuado a dar magníficos concertos na Praça da República aos domingos, a já afamada Banda de Vizela, de que é seu ilustre maestro o nosso amigo e grande compositor Joaquim da Costa Chicório.

Não podemos deixar de registar com a maior alegria e satisfação que ainda tem Vizela apaixonados pela arte musical como os srs. Domingos Ribeiro e João de Sousa espíritos desempoeirados ao serviço duma causa útil e bela.

Aos bons amigos o nosso mais verdadeiro cumprimento de incitamento para bem realizar os seus, que também são os nossos, desejos.

Hotel Cruzeiro do Sul — «Mil e uma noite» é passado e hoje e sempre nós em Vizela temos as «mil e duas noites» nas festas sem igual do Cruzeiro do Sul, o hotel sem igual. O sr. Celestino Borges Manta e sua ex.ma espôsa sr.ª D. Isaura Manta tem dado aos nossos olhos, verdadeiras noites de assombro e alegria com as suas festas ao ar livre, debaixo de milhares de lâmpadas e flores, onde tudo que temos mais elegante no país acorre a dar a sua adesão ás festas, que ficam eternas na memória de todos dós. A alma de tudo isto, está na ex.ma sr.ª D. Isaura que não se poupando a sacrifícios nem a despesas enormes está sempre, sempre, a pensar nas centenas de *habitués* do seu hotel a quem deseja fazer sempre as mais encantadoras festas.

Para não faltar, consta que vamos dentro de dias ter a primeira festa dêste ano, que é uma certeza de um novo êxito do grande hotel Cruzeiro do Sul, da ex.ma gerência, dos seus proprietários sr. Manta e ex.ma espôsa.

Registamos e felicitamos suas ex.as

Sonoro — Devido aos bons filmes com que nos tem mimoseado o Cine-Parque tem registado verdadeiras casas à «cunha».

Na próxima quinta-feira a deliciosa produção «Uma noite de amor» com a genial, Grace Moore.

Casino — Temos registado grande animação os bailes diários no salão de festas do Casino Peninsular, onde se ouve a magnifica orquestra Portucale da chefia de Carlos Amorim. — *C.*

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarãis — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus clientes, as seguintes carreiras com o novo horário de verão, que vigorará até 30 de Setembro:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partida de Guimarãis **8 h., 12,30 e 19,15**	= =	Chegada ao Pôrto **10 h., 14,30 e 21,20**
Partida do Pôrto **8 h., 10,15 e 18,30**	= =	Chegada a Guimarãis **10,05 h., 12,15 e 20,45**

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarãis **7,15**	= =	Chegada à Povoa de Varzim **9,55**
Partida da Povoa de Varzim **18,50**	= =	Chegada a Guimarãis **21,30**

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partida de Guimarãis **7,35**	= =	Chegada a Pevidem **7,50**
Partida de Pevidem **8, h., 12,30 e 20,55**	= =	Chegada a Guimarãis **8,15, 12,45, 21 e 10**

AOS DOMINGOS

Saída de Guimarãis **8,5**	= =	Chegada a Guimarãis **8,45**

Partida para a Povoa de Varzim
8,10

«O Berço da Grei»

Pedimos encarecidamente a todos os nossos prezados assinantes a rápida liquidação dos recibos do 2.º trimestre dêste semanário.

Pro-Monumento aos Mortos da G. Guerra de Guimarãis!

"A Imprensa e o Livro„: pelo Monumento

Quem haverá, neste mundo, que não goste de ler? Quem haverá que não gaste uns cobresitos na compra de jornais, revistas ou livros? Por certo, a curiosidade de saber «o que se diz», as novidades do dia, da semana ou do mês, em todos os países é igual. A dona de casa e o chefe de família, precisam do Jornal e do Livro, e é nêles que, muitas vezes, os filhos aprendem a conhecer as letras. Para todos a sua leitura é fecunda, recreativa e útil, haja ou não cultura: o Jornal é o noticiário amigo e indispensável tanto ao operário como ao letrado.

O pensamento de «Manuel de Guimarãis», ao iniciar a campanha Pro-Monumento, foi de interessar na sua propaganda todos os jornais de Guimarãis e os organismos locais: Município e Fôrças Vivas da cidade e do concelho.

Na primeira fase, apenas um jornal serviu a Causa; na segunda, novos e excelentes pioneiros vêm dar mais vitaminas ao corpo do edifício a construir, ao Monumento que todos queremos levantar.

São três os jornais: *Notícias, Berço da Grei* e o *Comércio de Guimarãis*.

São dois os livros: «Gratidão» e o «Pro-Monumento».

Com êste importantíssimo auxílio, o preito e homenagem aos Mortos de Infantaria n.º 20, há-de fazer-se, e o Monumento há-de ser uma realidade. As exigências diárias da reportagem, são presentemente muito grandes, e, não será sem algum sacrifício que as suas colunas se abrirão para a propaganda do Monumento, sabido que a Revolução Nacional, num vivo movimento de ressurgimento da Nação, vem difundindo a acção do Estado Novo, quer através de documentários em Exposições de grande alcance e relêvo, quer em Congressos de excepcional brilho, Conferências, Festas Regionais, etc., cujos assuntos de momentoso interêsse nacional, excedem o espaço do noticiário dos jornais.

Por isso, merecem os maiores louvores.

O Município de Guimarãis, servido sempre pelo escol de pessoas da maior respeitabilidade, é o organismo oficial de categoria mais elevada em todo o concelho; por isso, como o Monumento tem de ser obra de todos, pelo coração e pelo significado, obra que representará a vontade de Guimarãis, tanto na sua grandeza moral, como nos fins e saüdade a que se destina, está naturalmente indicado que a Câmara Municipal tenha «voz e colabore» nesta obra de consagração aos Mortos da Grande Guerra, que Guimarãis quer levantar.

Não devemos tambem esquecer que ha direitos, que a razão lógica das coisas impõe, dentro de um espírito de ordem e hierarquia, a que nos devemos subordinar, princípio regulador e uniforme de orientação, essencialíssimo em todos os empreendimentos, para os quais, são necessárias qualidades raras de direcção ou comando.

Exercer êsse comando, êsse lugar de direcção, tam elevado como difícil, é coisa que não se deseja, mas que, por fôrça das circunstâncias, a alguém cabe indicar. Ora, por todas as razões, bem do conhecimento de todos, é «Manuel de Guimarãis», distinto oficial e valoroso combatente da Grande Guerra, escritor de pena de ouro e iniciador da campanha, talentoso e verdadeira alma do Monumento, quem reúne todos os predicados para essa alta missão. E' a êle que compete desempenhar o lugar e dar ao Monumento a orientação conveniente; aos outros pertence ajudá-lo e colaborar eficaz e lealmente nas operações a realizar.

«Manuel de Guimarãis», já o disse: «*O Monumento há-de surgir um dia, sem ser por sobreposição à vontade legítima dos representantes do Estado. Sempre assim pensei, e não o desejo de outra maneira, nem por outro processo*».

A obra de «Redenção» que o Monumento representa, tem nêle um apóstolo e defensor de fé inabalável. Ainda, há pouco, ao vêr a marcha desencontrada dos trabalhos, com clara intuïção e inteligência, se apercebeu das dificuldades resultantes, pronunciando-se decisiva e lealmente, com um desassombro viril, pela directriz traçada nos seus primeiros artigos, publicados no *Notícias de Guimarãis*.

E' preciso, portanto, seguir as normas de bom senso, que mandam obedecer a estes requisitos, para que, o Monumento, por momentos afastado do seu verdadeiro rumo, retome a orientação que, com autoridade e competência, «Manuel de Guimarãis» lhe imprimiu.

«*Todos com êle e pelo Monumento*»!

Pôrto, Julho de 1936.

J. P. MONTENEGRO CARNEIRO
cap.

"ARRIBA ESPAÑA!" A BEM DA NAÇÃO!

POR AUGUSTO DA COSTA

Gostamos de ouvir, há poucos dias, o director do Rádio Clube Português pôr com toda a clareza a oposição daquele pôsto emissor em face da revolta do exército espanhol. Como por um lado entre nós a imparcialidade se confunde freqüentemente com facciosismo e como por outro a Espanha não está tam longe de nós que as suas paixões políticas não sejam por vezes as nossas — a atitude clara do Rádio Clube Português chocou naturalmente os «amigos da imparcialidade» e os «amigos das esquerdas». Ainda há pouco ouvimos da boca dum dêsses «amigos» (não sabemos, porque mal o conhecemos, se apenas da «imparcialidade» se também das «esquerdas»..) haver apreensões no plano internacional por causa do Rádio Clube Português; ao que nós respondemos, que naturalmente quem assim se manifestava agora nunca revelára qualquer espécie de apreensões quando em Madrid se constituía, com deputados comunistas, uma «Liga dos Amigos de Portugal», nem receia complicações internacionais quando Moscovo exorta pela T. S. F. as milicias de Largo Caballero a resistir até ao fim e as aconselha a não entregarem as armas no dia em que estiverem vencedoras...

A gravidade do problema no plano internacional — que a tem — não resulta da atitude do R. C. P. nem de qualquer outra entidade privada portuguesa — mas da própria revolução espanhola em si. Não se trata, como toda a gente sabe, de substituir um regime por outro: se os governamentais invocam constantemente a necessidade de defender a república, é com vivas à república que terminam sempre as proclamações dos generais revolucionários; a diferença está em que os governamentais, quando defendem a república, não defendem a república democ-parlamentar presidida por Azaña até há pouco (essa pertence ao passado...) mas a república soviético-comunista a levantar sob a ditadura de Largo Caballero, ao passo que o exército revoltado defende uma república simultâneamente *nacional* e *humana*. Desta diferença de concepções da república — não da república em si mesma — é que deriva a gravidade internacional do problema.

Não intervieram as potências quando Afonso XIII fugiu e a república se implantou. Não intervieram as potências nas oscilações liberais — conservadoras (Azaña — Gil Robles) da república espanhola. Mas já uma intervenção se desenha no momento em que escrevemos (não há ainda qualquer notícia da entrada das tropas revolucionárias em Madrid e o panorama pode estar completamente modificado quando estas linhas forem publicadas) visto terem sido já de há muito excedidas as simples regras do jôgo constitucional dos partidos e os próprios costumes revolucionários. Não há só que proteger vidas e bens dos estrangeiros residentes em Espanha: há também que não pode ser indiferente às potências europeias a criação eventual, em Espanha, duma república comunista, colónia da U. R. S. S. às portas do Mediterrâneo e nas costas do Atlântico.

Para saber qual é o interesse de Portugal no conflito espanhol, para saber se a atitude do Rádio Clube Português é ou não conforme com o interêsse nacional, basta atender aos objectivos dos dois campos e às conseqüências que resultariam da vitória de cada um dêles. Se vencerem as tropas que se batem aos gritos de «arriba España»!, Portugal terá por vizinho fronteiriço uma nação de ordem, conhecedora e respeitadora dos seus limites naturais, desejosa de viver em paz connosco e até de aprender com as lições da nossa experiência. Mas se, pelo contrário, vencessem os que se batem aos gritos anti-fascistas e libertários, teríamos junto à nossa fronteira uma república comunista, aliada se não colónia da U. R. S. S., que não tardaria em desencadear sôbre nós uma poderosa ofensiva (auxiliada por aqueles traidores que no dizer de Camões entre os portugueses algumas vezes houve) destinada a integar Portugal numa *Federação de Repúblicas Socialistas Soviéticas Ibéricas*. Estava escrito.

Não nos lembramos quem disse, mas alguém disse uma vez que em certos momentos o mais difícil não é, para cada um, cumprir o seu dever — mas saber em que consiste êsse dever. E é verdade. Se aquelas pessoas que discordam da atitude do Rádio Clube Português e consideram «aldrabices» todas as notícias favoráveis aos revolucionários fizessem o seu exame de consciência — saberiam logo qual seria o seu dever neste momento. A não ser que a sua consciência lhes ditasse imperativamente o desejo da vitória para as milicias vermelhas de Madrid; nesse caso porém a sua consciência poderia ser muito «social» ou muito «internacional» — mas seria com certeza *anti-nacional*. Estaríamos em presença de comunistas russos, não de republicanos portugueses.